

MEMÓRIAS PRESENTES NOS TOPÔNIMOS DOS BAIRROS DA CIDADE DE DIANÓPOLIS/TO

MEMORIES PRESENT IN THE TOPONYMS IN THE NEIGHBORHOODS OF DIANÓPOLIS/TO

Zukleia Pereira Cabral Cipriano 1

Mestranda em Letras/Linguística (UFT). Acadêmica do curso de
Direito (Unitins). Acadêmica do curso de Letras (AEDUC).
E-mail: zukleia@mail.uft.edu.br

Resumo: Esta pesquisa busca identificar as Memórias dos topônimos dos bairros da cidade de Dianópolis/TO. A Toponímia vem do grego, topos “lugar” e onoma “nome” e se encarrega de estudar o nome de lugar. Estudar a Toponomástica permite conhecer um povo e suas posições sociais, geográficas, culturais, políticas e econômicas. Ao atribuir nomes, sejam a pessoas, objetos, lugares e seres em geral, o ser humano utiliza das fontes lexicais. Dianópolis é berço de muitas histórias, motivo este que ensejou o percurso escolhido para compreender e refletir sobre a relevância histórico-social desta cidade. Considera-se que os nomes dos bairros de Dianópolis testemunham o desenvolvimento ocorrido nos 135 anos de emancipação. O corpus da pesquisa documental formou-se por meio de documentos oficiais disponibilizados pela Prefeitura de Dianópolis e através da pesquisa de campo com entrevista aberta. O percurso teórico-metodológico foram os apontados por DICK (1990-1992), ISQUERDO (1996), ANDRADE (2017), dentre outros, que tratam dos estudos toponímicos. As análises nos levaram a observar quais motivações deram origem e evolução histórica aos topônimos, compreender quais fatores linguísticos incentivaram a adoção dos nomes e classificar as categorias toponímicas dos bairros dianopolinos. Adotou-se o método qualitativo dedutivo, para evidenciar a temática que possui relevância social e histórica.

Palavras-chave: Fontes lexicais. Nome de lugar. Toponomástica.

Abstract: This research aims to identify the Memories of toponyms in the neighborhoods of Dianópolis-TO. Toponymy comes from the Greek, topos “place” and onoma “name”, and it focuses on studying names of places. Studying toponymy allows one to know a people and their social, geographic, cultural, political, and economical positions. Attributing names, whether to people, objects, places and beings in general, human being uses lexical sources. Dianópolis is the cradle of many stories, which led to the course chosen to understand and reflect on the historical-social relevance of this city. It is considered that the names of the neighborhoods in Dianópolis testify to the development that occurred in the 135 years of emancipation. The corpus of documentary research was formed through official documents made available by Dianópolis City Hall and through field research with an open interview. The theoretical-methodological course was those indicated by DICK (1990-1992), ISQUERDO (1996), ANDRADE (2017), among others, dealing with toponymic studies. The analysis led us to observe which motivations gave origin and historical evolution to toponymy, to understand which linguistic factors encouraged the adoption of the names and to classify the toponymic categories of the districts of Dianópolis. The qualitative deductive method was adopted to highlight the theme that has social and historical relevance.

Keywords: Lexical sources. Place name. Toponym.

Introdução

A partir do momento em que o indivíduo toma posse de um espaço físico-geográfico ou se situa em um centro populacional, ele depara-se com a necessidade de nomeá-lo com o propósito de assegurar sua localização espacial e estabelecer sua identidade comunitária. Com isso, a Toponímia mostra-se como um ramo de conhecimento oriundo da Onomástica, que permite verificar fenômenos e relações entre o homem e os seus lugares ocupados. Ou seja, os nomes escolhidos para nomear lugar estão intrinsecamente relacionados com cultura, língua, natureza e contexto social.

O presente artigo partiu da proposta de trabalho colaborativo oriundo das Histórias Orais e de documentários com vistas a contribuir com a história da cidade de Dianópolis/TO, a qual, em 26 de Agosto de 2019 completou 135 anos. As entrevistas e seus discursos propiciaram recolher lembranças e memórias presentes nos nomes dos bairros da cidade de Dianópolis – TO.

O objetivo desta pesquisa ateu-se em apontar memórias históricas dos topônimos dos bairros da cidade de Dianópolis/TO e assim contribuir para sua perpetuação histórica, através de documentos e narrativas interpretativas, de vivências e práticas sociais. Experimentou-se, por meio da gravação e transcrição dos depoimentos a análise do discurso e suas interfaces que revelaram valores, concepções, crenças e sentimentos.

As fontes orais tomaram forma através de entrevistas com quatro pessoas adultas e idosas, sendo um homem e três mulheres, antigos moradores e residentes na cidade de Dianópolis. As questões dispostas foram: 1) Quais as motivações que deram origem e evolução histórica dos topônimos que atualmente nomeiam os bairros de Dianópolis? 2) Quais fatores linguísticos incentivaram a adoção nominal dos bairros dianopolinos? 3) Quais fatores foram imprescindíveis para a incorporação de termos vistos nos bairros dianopolinos? 4) Qual categoria toponímica se destaca nas denominações dos bairros dianopolinos: as taxes físicas, naturais ou antropoculturais?

As nomeações dos logradouros não ocorrem de forma aleatória, haja vista que quem nomeia um lugar utiliza de simbologias e maneiras de homenagear, eternizar e memorizar tal local. Inicialmente, a nomenclatura pode ocorrer de forma espontânea, para atender à necessidade presente, porém, quando esse *lugar* se estabelece como vila, bairro ou rua, passa pela adequação às normas toponímicas orientadas pelos órgãos oficiais das esferas Municipais, Estaduais ou até mesmo Federais.

Para Isquerdo (1996, p. 81-2), os topônimos são verdadeiros fósseis linguísticos. A sua função não é de significar, mas identificar lugares. Dessa forma, revela-se como um referenciador da realidade do espaço vivido pelo homem.

Os topônimos traduzem-se pelas características físicas, culturais e sentimentais, associadas ao contexto do homem. São condicionantes típicos de cada denominação, adequadas ou oriundas da criatividade para manifestar aspectos do espaço pelos aportes da motivação.

Nesta linhagem, Dick (1992, p. 55) observa que a toponímia “formaliza-se segundo condicionantes típicas a cada denominador, isoladamente ou como decorrência de uma manifestação mais ampla da comunidade envolvida”.

As motivações que surgem podem ser de natureza interna ou até mesmo intralinguística, tanto pela derivação ou composição morfológica, tendo como base, os respectivos sistemas linguísticos de cada povo. Ou ainda, possuir relações externas ou extralinguísticas, sendo assentadas pelos acontecimentos do mundo real interferidos nas escolhas lexicais nomeadoras de ruas ou bairros, por exemplo. São formas de retratar a realidade e seu contexto histórico.

No Brasil, as primeiras tentativas de normatizar a Toponímia Brasileira iniciaram-se no início do século XX. Nascentes (2003, p. 575-576) afirma que no ano de 1926, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro fez uma conferência com o objetivo de discutir formas de organizar os nomes geográficos e suas procedências. Esse trabalho teve foco nas nomeações tanto estrangeiras quanto africanas e indígenas. Dessa forma, Antenor afirma ainda que a desordem da Toponímia do País perdurou até a criação do Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE).

Foi sancionada a Lei Geográfica – Decreto-Lei 311, de 02/03/1938 a qual rezava sobre a divisão territorial do país bem como das denominações dos territórios. Em seguida, vieram orientações concernentes às regras ortográficas dos nomes estrangeiros e, para assegurar a não repetição de nomes de lugares, em 1943 foi homologado o Decreto-Lei nº 5.901, datada de 21 de outubro/1943.

Dessa forma deram início ao aparato toponímico, o qual foi primordial para denominar e organizar nomes de lugares. Assim, as evidências culturais e sociais são percebidas nas nomeações dos bairros. Cada bairro carrega em seu nome vivências, história e culturas afins, as quais definem o modo de ser e de existir de uma população. Isto posto, passamos a analisar o estudo do léxico, a importância do *lugar* no trato toponímico desdobrados pelas possíveis informações que o estudo dos topônimos viabilizam.

O Estudo do Léxico e dos Topônimos

A Toponímia trata-se do estudo dos *topos*, retrata o conhecimento da história e da cultura de um povo ou de sua região. Isso se define pela identificação de fatos linguísticos e ideológicos que se firmam na denominação e fixação (ou não) de valores referentes aos nomes dados por uma comunidade.

Os estudos dos nomes de lugares possibilita conhecer fenômenos linguísticos, contexto social, político, cultural e histórico do ambiente estudado. Além de perceber aspectos psicológicos como sentimentos, convicções e lembranças do denominador.

Confere aos topônimos, elementos presentes que tratam de tendências sociais, culturais ou até mesmo geográficas, as quais remetem ao contexto da sociedade. Assim, as reflexões da Onomástica e da Toponímia indicam que os nomes de lugares não apenas individualizam e identificam, mas também delimitam um espaço. Essa concepção mostra estreita relação entre aspectos linguísticos e socioculturais de um povo:

[...]ostopônimosseapresentam[...]comoimportantesfatoresde comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. (DICK,1990, p. 21)

Toda a carga lexical presente nos topônimos exterioriza valores, percepções e realidades presentes entre a língua e a cultura. Por isso considera-se a importância dos *topos* em propiciar e testemunhar a história das línguas e seus fenômenos sociais. Ocorre a perpetuação da língua pelo transporte toponímico.

O *lugar* na toponímia

Na Toponímia, *lugar* possui uma íntima relação com viver de seus moradores. São enunciados que nascem de forma espontânea por meio da fenomenologia da língua. E por isso, tão mutante e passível de mudanças giram em torno de referências presentes na geografia, história e paisagens. Isquerdo (1996, p. 81) considera que os topônimos são “fósseis linguísticos, embora o signo toponímico esteja inserido no sistema linguístico, a sua função não é de significar, mas de identificar os lugares. Serve de referencial da realidade espacial do homem”.

As nomeações dos lugares são estabelecidas, na maioria das vezes, por

pessoas populares do local, pessoas ilustres, acidentes geográficos ou mesmo por características próprias da natureza que “combinam com o nome”.

Segundo Andrade:

[...] ao considerarmos a Toponímia como uma disciplina do conhecimento científico, identificamos nela a existência de uma ordenação em suas proposições. Ou seja: a determinação de categorias que relacionem o objeto da Toponímia e o pensamento humano. Desse modo, intencionamos estudar, com mais afinco, qual é a extensão do significado de *lugar*, o qual, na nossa concepção, deve ser elevada à noção de categoria. (2017, p. 589)

Pelas nomeações, o lugar toma significados organizados e funções essenciais para identificação dos grupos. Um patrimônio comporta valores identificados em cada fase vivida pela sociedade. Ao longo do tempo os significados são revelados em seus diferentes sentidos e tomam rumo de acordo com as nomeações patrimoniais histórico, artístico, antropológico e outras especialidades. As memórias aqui reunidas trazem consigo aspectos históricos e lembranças presentes. São possibilidades alcançadas por intermédio da análise do discurso, as quais se revelaram de forma eficaz. Urge destacar alguns aspectos sociais, culturais e políticos presentes na cidade de Dianópolis/TO.

Dianópolis, Memória e Aspectos Históricos

Segundo o IBGE (2018), Dianópolis situa-se na sede da 12ª região administrativa do sudeste do Estado do Tocantins. A história iniciou-se em 1750, com a fundação do povoado de São Francisco Xavier do Duro, na aldeia indígena da etnia Acroás. Mais tarde passou a Missões do Duro, a qual dista 12 km da sede atual do município. No ano de 1840 chegaram bandeirantes vindos do Vale do São Francisco. Atravessaram o Vale do Tocantins e iniciaram atividade extrativista voltada para a exploração de ouro na Mina das Tapuias (cujas ruínas ainda se encontram localizadas na área urbana de Dianópolis). Além dos Acroás, Dianópolis sediou grandes aldeias indígenas como os Gueguê, e Xerente.

A categoria de vila foi determinada sob a resolução nº 723 de 26.08.1884. Daí o decreto elevou o arraial São José do Duro à categoria de cidade no ano de 1938, com a denominação de Dianópolis. A nomeação de Dianópolis homenageia quatro (4) mulheres ilustres e prestigiadas por nome de Custodianas, conhecidas como “dianas”.

Segundo o livro *O Tronco* (2003), escrito por Bernardo Élis, a cidade de Dianópolis foi palco de lutas sangrentas ocorridas no antigo norte do Estado de Goiás da República Velha (1917-1919). Embora tenha caráter ficcional, o roteiro seguiu episódios históricos que ocorreram em São José do Duro, hoje Dianópolis – TO.

Pelas divergências que haviam entre os coronéis do governo, constituído pelo Juiz Carvalho com sua tropa policial e, de outro lado os coronéis da família “os Melo”, alimentadas por razões políticas entre o poder no estado de Goiás e o poder local, desencadearam uma luta sangrenta.

O princípio da guerrilha deu-se através do idealista Vicente Lemes, que, por meio de denúncia dos impasses ao governo estadual acalorou uma intervenção armada, a qual terminou com o massacre do tronco e na morte de nove (09) mortos que se encontravam presos no tronco, no dia 16 de janeiro de 1919. O reconhecimento histórico que se tem da cidade de Dianópolis – TO guardam memórias presentes nos casarões construídos ainda no período colonial que retratam lutas, movimentos sociais e compreensões lendárias.

Após considerar os acontecimentos iniciais, que afetaram a formação social, histórica, política e cultural do povo dianopolino, considera-se lugar comum encontrar suportes documentais em relação a Projetos de Leis, Decretos e demais documentos, que apontem

as denominações dos Bairros e Ruas de cidades, pelos acervos de Prefeituras Municipais ou das Câmaras Municipais.

Porém, segundo justificativa da Câmara Municipal, em parceria com a Prefeitura Municipal de Dianópolis/TO, fornecida pelo documento oficial: o único bairro que possui Projeto de Lei de criação é o bairro Josino Valente Bonfim. O documento comprobatório consta do Projeto de Lei nº 24/07, com cópia expedida à pesquisadora.

Os demais bairros deste município não possuem lei de criação protocolada nem na Prefeitura Municipal, nem na Câmara de Vereadores. Além disso, até o momento da realização desta pesquisa, não foram encontrados nenhum estudo relacionado às motivações que levaram a sociedade dianopolina a escolheres os nomes que seu município possui.

Tamanha a responsabilidade desta pesquisa pioneira, em descrever as proposituras e motivações dos nomes dos bairros dianopolinos, o objetivo geral desta pesquisa pauta-se em servir de referência para informar quais foram as causas denominativas dos bairros de Dianópolis/TO, ao longo desses 135 anos de emancipação. Trata-se de descrever as tendências e frequências nominais dos bairros e perceber o ponto inicial para a visão do nomeador quando atribui um nome ao seu local.

Diante dessas afirmativas, esta pesquisa tem-se o objetivo de descrever as proposituras das nomenclaturas dos bairros da cidade de Dianópolis - TO. A cidade de Dianópolis, a qual dista 342 km da capital, Palmas é também conhecida como “Terra das Dianas” e compõe o grupo das cidades mais antigas do Estado do Tocantins. Ela possui diversos atrativos naturais como cachoeiras, cavernas, rios e nascentes.

O percurso histórico de Dianópolis, segundos dados do IBGE (2018), aponta sua descoberta em meados de 1750, período em que foi rota de pecuarista, lavradores, jesuítas e mineradores durante a mineração do ouro.

Compreendem-se 20 bairros dianopolinos. Destes, 03 ainda estão em tramitação documental para serem definidos oficialmente, como bairro. Os dados acima mencionados foram coletados na base do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A toponímia se define como uma roupagem propícia a nomes de lugar, para evidenciar aspectos sociais, econômicos e políticos, subscritos em suas definições e categorias diversas.

A compreensão das configurações históricas de um povo requer uma análise criteriosa de várias instâncias. Isso é necessário para que se obtenha uma interpretação mais próxima do real e para que se compreenda de fato o que o informe transmite para o ouvinte. Para tanto, segue em continuação a proposta metodológica utilizada.

Procedimentos Metodológicos

O processo de investigação científica requer do pesquisador resultados confiáveis e desprovidos de improvisos. Faz-se necessário ordenar e planejar de forma ética e adequada para alcançar objetivos propostos.

Assim, a pesquisa se pautou no método indutivo por permitir iniciar da observação dos fatos particulares para se estender ao parecer amplo de uma verdade. Este método permitiu descrever os 15 topônimos que nomeiam os bairros dianopolinos atuais para compreender suas classificações gerais, tendo como base a taxonomia onomástica apresentada por Dick (1990).

O método de procedimento é o Tipológico para a descrição e classificação concreta toponímica por meio da verificação *in loco* (entrevista) ou em documentos oficiais para acaareação das afirmativas relatadas sobre cada bairro pesquisado.

Segundo Dick os nomes geográficos, desprovidos de procedimento diacrônico dá suporte às taxes sugeridas. Ao que ela afirma:

[...] a existência desorganizada desses nomes, que constitui a tessitura propriamente dita de um território, deve sofrer,

por sua vez, uma ordenação ou catalogação a partir, agora, não do doado, e sim do gerado. Num primeiro momento é, pois, o homem quem preside a escolha do nome, permitindo a averiguação de todos os impulsos que sujeitaram o ato nomeador; num segundo momento, é a denominação que irá condicionar e determinar os rumos dos estudos toponímicos. (DICK, 1980, p.34)

As escolhas toponímicas que as pessoas adotam determinam suas percepções acerca do lugar. Nelas são observadas experiências de vida e passagens históricas. Ao que Walter Benjamin considera: “O que chamamos experiência é o que pode ser posto em relato” (Sarlo, 2000, p. 26). Isso porque o que é relatado é o que foi memorizado, sentido e vivido pelo indivíduo. O relato é a história viva e presente no tempo e no espaço.

A ordem cronológica da pesquisa se concretizou pela sequência de atividades desenvolvidas, a saber: 1) Iniciação de estudos teóricos relacionados às configurações dos estudos Lexicais, Onomásticos e Toponímicos; 2) Coleta de dados documentais definidos em Documentos Municipais que pudessem contribuir com a efetivação desta pesquisa; 3) Entrevistas dirigidas a pessoas influentes na sociedade, pessoas idosas e moradores do município; 4) Análise e categorização dos dados coletados; 5) Análise crítica de todo o trabalho desenvolvido.

O fechamento dos procedimentos práticos passou por técnicas de coleta do corpus, pela investigação de documentos diretos encontrados na Prefeitura Municipal de Dianópolis e ainda, pela transcrição de entrevistas aos moradores da cidade.

As informações sobre a história dos bairros explicitam as denominações ou mesmo o surgimento de datas, processos de criação planejada ou espontânea. A pesquisa percorre informações como mapas, leis, lista dos nomes dos bairros, resoluções, decretos e editais, além da abordagem de entrevista aos informantes moradores desses bairros.

A pesquisa *in loco* foi realizada por meio de Questionário Toponímico na forma de entrevista, o qual foi aplicado aos moradores das localidades que tenham vivido no bairro em questão, por pelo menos uma década. Também foram entrevistadas pessoas líderes comunitários e profissionais (que tenham atuado ou que ainda atuam) no município de Dianópolis. As informações coletadas traçam aspectos particulares da comunidade apresentados por quem possui qualificação histórica e social, com conhecimento de causa, próprios para permitir conhecer e verificar detalhes precisos, pelos quais os objetivos traçados desejavam acertar. A seguir, serão apresentados os resultados obtidos por meio do documento expedido pela Prefeitura Municipal e pelas entrevistas dirigidas.

Das memórias presentes em Dianópolis/TO

Tomando por base teórica as considerações Ecléa Bosi (1994), compreende-se que as memórias ofertam insumos férteis e exemplos de erudição para servir as grandes causas vividas pela humanidade. A memória social dos sujeitos está a serviço da história e suas presenças, que se encontravam amortecidas, emergem do sujeito e se mistura com sua narrativa memorialista com dozes de crítica da própria ideologia. Assim, Ecléa afirma que por vezes há deslizos na localização temporal de um acontecimento ou ainda, pode haver falhas de cronologia, porém, certamente é possível realizar uma operação histórica grandiosa.

Nessa linhagem, trago em evidência, memórias resgatadas de pessoas que vivem em Dianópolis, filhos de Dianópolis, as quais são idôneas e competentes para relatarem histórias, encontros e desencontros ocorridos na formação histórica dessa referida cidade. Deste modo, a delimitação desta pesquisa se configurou em Memórias Presentes nos Topônimos dos Bairros da Cidade de Dianópolis/TO. As entrevistas foram direcionadas a quatro pessoas adultas e influentes na sociedade e que vivem em Dianópolis há mais de dez anos. Dessas, algumas possuem grau de parentesco com aqueles que viveram épocas

históricas da cidade de Dianópolis. As pessoas entrevistadas foram: A sra. Aniziana Jacobi-na Aires Sepúlvida (mais conhecida como Professora Nizinha, membro da Academia Dianopolina de Letras e ex-vereadora de Dianópolis, a sra. Noélia Costa Póvoa Araújo, pesquisadora e historiadora na cidade de Dianópolis e membro da Academia Dianopolina de Letras, a sra. Josiene Soares Guimarães, Diretora do Departamento de Finanças e Departamento Imobiliário do Município de Dianópolis e a Imobiliária Petrópolis, sob a gerência do sr. Carlos Gualberto.

Os critérios para escolha dessas pessoas como entrevistadas se deram, primeiramente, pela aceitabilidade em participar da pesquisa como informantes voluntários e pelos seguintes motivos:

- *em relação à sra. Nizinha e à sra. Noélia em razão da notória representatividade social, por serem conterrâneas de Dianópolis, participantes da Academia Dianopolina de Letras e colaboradoras para a criação do grupo denominado “Grupo dos 100 anos do Barulho”;*
- em relação à sra. Josiene Soares Guimarães, pelo conhecimento jurídico e formal em relação às instituições de leis e denominação de bairros;
- e, em relação à Imobiliária Petrópolis, *por ser a organizadora e responsável pela instituição dos bairros mais novos e que se encontram em tramitação processual.*
- Assim, segue a formação toponímica dos bairros da cidade de Dianópolis, descrita pelos memoriais relatados em entrevistas e que foram transcritas nestas páginas. Para tanto, os nomes destas pessoas estarão presentes sob a seguinte colocação: entrevistado um, entrevistado dois, entrevistado três e entrevistado quatro.
- As entrevistas se pautaram em perguntas abertas para dar flexibilidade ao entrevistado, de forma que este (a) pudesse expor do seu íntimo aquilo que considerasse importante destacar. Dessa forma, os entrevistados assim manifestaram:

Pergunta motivadora, dirigida a todos os entrevistados:

- Para você, o que motivou as pessoas a nomearem este bairro? Conte-nos os acontecimentos e as histórias que você considera ser importante para esclarecer a nomeação deste bairro:

A)Setor Central
Entrevistado um:

Olha, pelo que eu sei ali, ficou sendo chamado de Centro, porque, desde as origens da... da, da vila... da cidade São José do Duro, só existia aquela praça. Se cê pegar o livro de Walter, O coronel Abílio Wolney: suas glórias e suas dores... ou o Tronco, de Bernardo Élis, eles mostram o mapa... de como era naquela época a vila e só tinha a praça e assim mesmo acho que tinha umas trinta casas. Pela história né? E os moradores nem ficavam muito aqui. Eles ficavam nos sítios, né? Santo Antônio, Água Boa...a maioria tinha sítios há 5 km, 10 km...não ficavam

muito aqui. E, por causa disso, ficou o centro, né? Centro... e passaram dar nomes às praças e às ruas. E o que a gente notou é que à princípio nomearam Praça Getúlio Vargas, Praça...é Rua Maximiano da Mata... De um tempo pra cá, depois que eu voltei, tava tendo uma... até falou a palavra: “entreveiro” né? De políticos...eu me lembro dessa praça, onde tá a prefeitura, era Getúlio Vargas e, determinadas famílias ou vereadores ou prefeitos, cismaram em colocar outro nome. Né? Botar o nome de pessoas da cidade que já haviam falecido e teve uma rixa política danada aí... entre as duas praças. A de lá que era mais antiga e essa de cá. Porque tinha nomes de pessoas da história passada ou vultos históricos, como Getúlio Vargas né? E cismaram de tirar... e aí tiraram de uma praça e depois uma família botou quente para tirar também e colocar nessa praça aí a Praça Liberato Póvoa. Que tal? Eu nunca achei certo isso. Não me lembro bem quem era o prefeito da época, mas era gente dos póvoas, né.

Nesse momento, a entrevistada passa a contar fatos históricos que ocorreram na cidade de Dianópolis, para que se possa compreender de forma clara, a motivação real para a denominação do *locus*. É uma fase necessária, que faz jus aos fatos, encontros e desencontros que ocorreram nessa cidade e que relatam o que as pessoas viveram e sentiram:

Não gostaram de ter tirado o nome de uma...de uma pessoa de lá e aí, fizeram tudo pra essa praçona, ao invés de Getúlio Vargas ficar Liberato Póvoa, porque se sentiram diminuído talvez de não ter nomes da família...ave maria... aí, resultado: aquela praçona grande, antiga, a mais antiga da cidade, que foi o palco de todo o “barulho”, foi ali, né? Então, hoje tem dois bustos: Coronel Wolney, Coronel Abílio Wolney, né? Então, eu chamo aquela praça de, no meio de, praça Coronel Abílio Wolney, mas, na parte de lá...tem o busto do Coronel Abílio, na parte de cá tem o busto do Coronel Wolney, que é o pai, né? Então assim, a gente tem... tem notado que as pessoas tem valorizado muito...valorizaram muito essa nomeação de ruas e praças pra vultos assim, de pessoas do antepassado... Então assim...o centro foi a partir de tudo...o início de tudo, porque só existia aquela praça. Nela você pode perceber que o museu já existia, o prédio do museu já existia. Eram os dois irmãos que, que tinha mais ou menos assim, poder né? O Coronel Wolney ali no casarão, né? Aquela casa grande deles lá da esquina, que hoje mora um filho Joaquim (que era o avô dele...chamado Joaquim, né? Que era o Coronel Wolney) e, quando fui fazer a pesquisa para nomear o prédio do museu, conversando com pessoas ainda vivas, né? Na época, netos do Manoel Aires e professor Osvaldo também, falaram que eles tinham uma dinâmica, uma competição gostosa: quando um fazia uma casa pra...o resto da vida, o outro também fazia: não, vamos ver quem faz a casa mais forte, mais bonita? Se fazia curral na fazenda, o outro: ah...então o meu vai ser melhor... a madeira vai ser melhor...eles dizem que eles dois tinham essa competição gostosa o Coronel Wolney, irmão do Manoel Aires Cavalcante. Então você pode olhar a formatação, a forma do museu, a casa do Manoel Aires com o Casarão...se você entrar...então...as paredes são duplas, o telhado é fantástico: ate hoje e a mesma madeira. Então deve ter sido construído quando? No século? Passado? Né? Provavelmente... e ali, né?,

se cê pegar o mapa e for analisando, né? Tinha o sobrado... que o Sobrado foi onde morrerão “Os nove”, né? Tinha um Sobrado ali de frente para o museu, que hoje praticamente tá aquela casa de Salomão, meu irmão. Meu pai ficou herdeiro, ele era primo do Coronel Abílio ficou herdeiro ali. A casa do pai era ali onde é casa de mãe mesmo né? Então o quintalão ficou pra meu pai, né? Que ele implorou com a mãe dele quando ficou viúva e aí minha mãe distribui os lotes pros filhos e o de Salomão ficou bem na esquina, né? Mas só que, pela foto, o museu era mais recuado um pouquinho, o sobrado era mais recuado um pouquinho. Não era tão perto da calçada, como Salomão construiu, pra...na minha visão, da foto que eu tenho, do sobrado, é mais recuado um pouco. Inclusive a foto do sobrado, a única que tem, assim de papel, que a gente pega e vê, foi B.H. Foreman que tirou. Quando veio aqui implantar a Igreja Batista. E como ele trouxe meu sogro e minha sogra e a família pra ser o primeiro pastor, ele teve aí num teco-teco, que eu não sei como ele desceu, aqui, Campo Velho era sítio deles, aquelas mangueiras ali foram do meu sogro e minha sogra...sítios deles. Então assim, o Centro, é a Praça Coronel Wolney. É ali que começou tudo, né? O mapa tem até os nomes das pessoas e das famílias que são donas. O local da capelina era afastado, era mato, uma mata e aí não sei porque escolheram esse nome, do nada...porque já estava passando da hora, já tava ruim, o mal cheiro, quando se deram conta...claro que já sabiam...a luta durou muito. Ou morria ou matavam...se fossem pra lá, os soldados tavam muito lá... eles ficaram em ponto estratégico. Então, o Centro é baseado no início da história.

O Centro foi palco de muitas lutas e guerras. Foi também o início de toda a formação e povoação da cidade. O encontro de famílias, a busca pelo poder, os casos amorosos e o destaque social, causaram lutas sangrentas. Além disso, há que se destacar a mineralização, que foi importante para o ajuntamento dessas famílias pioneiras, juntamente com as tribos indígenas que aqui já habitavam.

Neste intervalo temporal, surgiram diversas situações, as quais deixaram suas marcas pelo tempo afora. Hoje, o atual casarão que abrigava o Tronco, local onde morreram “os nove”, já não existe. Segundo relatos de uma das moradoras entrevistadas, as pessoas da época que perderam seus entes queridos, pais, filhos, irmãos, no Tronco, não conseguiam transitar pela rua do Casarão, devidos às lembranças deixadas na visão do prédio, das marcas de tiro e de sangue nas janelas e paredes...por isso, o prefeito da época, Seu Dário, que hoje está com cem anos, sentiu-se pressionado a ter que derrubar o casarão. Dessa forma ocorreu. E a cidade de Dianópolis perdeu essa referência material histórica. Este setor é considerado destaque em relação aos demais, por ter sido palco dessas lutas histórias reais e sangrentas.

B)Setor Novo Horizonte

Entrevistado um:

Bom... na época que teve essa nomeação, foi na época em que eu estava estudando fora. Eu me lembro quando eu cheguei, esse bairro tava começando, né? E a ideia que me passaram é porque daqui tem uma visão muito bonita da Serra Geral, né? Pode olhar lá que você vê a Serra. Essa...essa divisão ali entre Bahia e Tocantins... tem uma visão muito bonita. Então, eu, na minha concepção, foi por causa desta vista bonita, né? Do Novo Horizonte, né? Que tem a visão da Serra Geral pra nos... Já têm muitas casas e tá muito bonito. E é um bairro, assim...

eu acho silencioso, tranquilo né? você não vê muita algazarra , não sente muito barulho... muito pássaro, muito pombo... Então... Novo Horizonte pra mim, foi por isso.

A referência compreendida para este topônimo está explícito na sua posição territorial, que permite ao morador obter uma visão longínqua da cidade. Por ele, é possível ver diversos pontos da cidade, até a Serra Geral, que dá a vista para o estado da Bahia.

C)Setor Nova Cidade

Entrevistado dois:

Nova Cidade... porque a cidade era aqui embaixo, né? E aí foi... foi feita aquela lá, que também era a parte mais de cima e já... é outra cidade lá. Porque têm muitos habitantes naquele setor... é outra cidade mesmo! Uma nova cidade... que foi na época... do prefeito Deodato, que foi feita. Inclusive, cometeram o erro de derrubar o Mercado... que era um mercado que tinha aqui nessa rua... que era pra abrir uma via de acesso, lá pra Nova Cidade, e ficou sem o mercado. Perdemos o Mercado, que era o Mercado Municipal, que a gente comprava carne. E vinham os Tropeiros do Jalapão... eles vinham com carga... naquela época que não tinha estradas, né? Eles vinham e ficavam tudo arranchados ali, no Mercado. Aqui era o ponto. Eles vinham fazer compra... eles traziam os produtos deles lá... que era farinha, tapioca, pena de ema... ééé ... acho que couro... não. Couro não. Que era mais que eles traziam do Jalapão? E levavam daqui, nas cargas... eles levavam sal, café, querosene... Nos anos... acho que nos anos 80...

Entrevistado um:

Nova Cidade, eu só sei assim: a origem eram sítios e roças até de botar animais...a subidinha da Nova Cidade, logo na ladeira que vai para o INSS, era roça do tio Culeu. O pessoal, como naquele tempo só tinha animais, vinha dos lugares só de animais, então, alugavam pra passar a noite. Tinha a chave de uma porteira da roça, e aí as pessoas iam na casa dele e pegavam... (deixavam os animais pra comer um capinzinho, tomar uma água, e ali tinha o Córrego Getúlio que passa e tinha mato, né?) então, pegava a chave na casa de tia Maria de Culeu e levava lá pra abrir a cancela, botava o animal e cobrava o pouso do animal lá. Depois, mais pra gente, tinha um sítio que era do meu tio, tio Totó. Tinha a casinha, tinha umas mangueiras, a gente adorava passar por lá. Era o passeio, e mais na frente, era do meu pai. Bem mais na frente. Então, quando Deodato tava de prefeito, resolveu fazer um loteamento e a Prefeitura... pega o direito dos moradores, né? Desapropriou (não sei nem se pagou alguma coisa pra esses donos)...e então, como...eu penso que, foi a partir daí que deram o nome de Nova Cidade, né...uma nova Dianópolis. A gente sentiu que ,que foi mais assim, a princípio, de pessoas muito simples, se vê que agora já tá com outro aspecto, que já chegou o asfalto na maioria das ruas...tem prédios públicos ali, né? Então...a Nova Cidade teve esse aspecto dos Sítios antigos das pessoas.

Por este excerto, pode-se perceber que a cidade recebia pessoas para efetivar trocas comerciais. O local do Mercado favoreceu um olhar para a área doq eu hoje é a Nova Cidade. Vinham os Tropeiros do Jalapão, trocar suas mercadorias por outras. E logo à frente do Mercado, tinha uma área rural que era alugada para abrigar os homens e seus

cavalos e assim, todos podiam descansar para retornarem às suas casa. Daí, decidiram ampliar o espaço e demoliram o Mercadão para dar acesso ao novo bairro, denominado Nova Cidade. De fato, iniciou-se um novo povoamento, bem diferente do que já havia na parte baixa da cidade, o que configurou na escolha do topônimo Nova Cidade.

D)Setor Bela Vista

Entrevistado um:

Também, foi da época do Novo Horizonte. Foi na época de Joir e Maguinha, que... a ideia que eu tenho, que os dois bairros foi mais ou menos na mesma época. Como eu não morava aqui, quando eu voltei, já estavam nomeados, né? Mas, meus alunos e esse projeto de Neide... acho que, os moradores antigos, eles pegaram depoimentos, sabe? De Abílio Quirino, seu Nelson Quirino, aquele pessoal... porque da Praça Ana Valente prá lá, é Bela Vista. Tanto que hoje eles já falam Bela Vista 1 e Bela Vista 2. (Se for observar bem, lá do alto dá pra ver também Dianópolis, assim.). E uma grota, né, que separa lá uma parte da outra, então um eles chamam Bela Vista 1 antes da grota e Bela Vista 2 numa grota...

Entrevistado dois:

Eu acho que o Bela Vista... aquele nome, foi por causa do... da vista, que era muito bonita, né? É... lá o lugar é muito alto, é bem mais alto de que essa parte de que essa parte de que onde eu moro, aqui em baixo aqui embaixo, né? Eu moro aqui na parte baixa e o Bela Vista é bem mais alto... então... acho que por isso que eles puseram o nome de Bela Vista, lá no setor”.

Este setor possui as mesmas características toponímicas do Setor Novo Horizonte. Permite ao morador ter uma bela visão ao longe, da cidade.

E)Setor Brasil

Entrevistado dois:

Porque foi colocado é... também foi um setor que eles, que eles fizeram já depois... mas é dos mais antigos... que desceu a ladeira do Cavalcante, eles foram construindo, né? E era até uma roça de meu pai ali... essa parte dali pra lá, era uma roça de meu pai, eles meteram o trator, derrubaram, desapropriaram a... a área pra construir o...esse setor... novo. E... puseram o nome de todas as ruas, de todos os Estados... o nomes das ruas puseram o nome de todos os Estados... então por isso é que chama Setor Brasil. Lá têm o nome de todos os Estados nas ruas.

O Setor Brasil faz referência ao país, através da nomeação de suas ruas, as quais cada uma delas se refere a um Estado brasileiro. Essa foi a motivação toponímica desse bairro.

F)Setor Campo Velho

Entrevistado dois:

O Campo Velho... é porque lá tinha. Lá foi o primeiro, primeira pista de avião que teve... primeiro campo de avião que teve... foi lá no Campo Velho, já seguindo do Cavalcante, que era uma área plana... lá era uma área muito plana, e os primeiros aviões pequenos, né? o teco-teco que...baixaram aqui... antes de fazer o aeroporto... de hoje... eles fizeram uma pista que

é onde o Dr. Foreman...que foi dos primeiros que veio de avião aqui, né?... fundou a Igreja Batista... eles... pousavam lá. No Campo... Setor Campo Velho. E aí já é uma extensão do Cavalcante.

Entrevistado um:

Sim, como eu falei, o Campo Velho, pra mim... a origem foi a família... o B.H. Foreman, inclusive disse que ele desceu do avião, foi lá, tanto que chama Campo Velho, né? E aí, era um sítio, (que B.H. Foreman trouxe a família de seu Valdemir Bispo Silva, se não me engano, o pai de Josué e dona Maria, dona Didi...eles vieram pra implantar a Igreja Batista). Então, assim, Campo Velho, pra mim, foi porque era lá o antigo Campo de... onde aterrissava pequenos aviões e tinha o Sítio, que, se conversar com mais gente vai até dizer que quem sabe, o primeiro avião que aterrissou lá foi esse de B. H. Foreman? Né? Porque não tinha onde mais, e lá se transformou num Sítio da família do primeiro Pastor Evangélico daqui, foi da Igreja Batista.

Este setor é considerado como bairro, porém algumas pessoas o consideram como sendo anexo do Setor Cavalcante. As primeiras aterrissagens de aviões ocorreram neste setor.

G) Setor dos Clubes

Entrevistado um:

Foi mais modernoso. O primeiro foi a ABB, se não me engano, né?...tem a do consórcio do Rodoclube, né? e do Basa. Ali do lado tem essa área de preservação ambiental ...dos Poções... foi nessa área que o Banco do Brasil adquiriu, que construiu e os outros foram tomando gosto, né? outros órgãos, né? e aí fizeram...

A ABB (Associação do Banco do Brasil) adquiriu este lote para implantar um clube social. Demais instituições também assim decidiram o que resultou nesta classificação toponímica.

H) Setor Industrial

Entrevistado um:

Quando eu fui vereadora, tinha um projeto, de delimitar, fazer o limite do município, da área urbana... aí tinha algo haver com líderes políticos que já detinham o poder dessa área e depois, uma área ali na área de preservação ambiental na Biquinha... entrando ali da UNITINS pra lá...aqui perto dos Clubes, do lado de cá...uma época que Deodato era prefeito saiu essa conversa que ia ter até uma usina aqui, de...de preparação... como é que fala? De grãos, de óleo de soja, tal...tal... palavras... (risos). Que era algum empresário aí sonhando...aquela época tava começando aqui essa história dos Gerais, a Bahia tava começando, já ia...montar aqui uma indústria de fabricação de óleo de soja...tava começando...acho que foi essa conversa que originou a construção desse galpão enorme aí...que depois soube que nunca guardou nada aí, nada.

Entrevistado dois:

As palavras deste entrevistado: “Eu acredito que pela distância, né? Porque não pode né? Indústria aqui no meio da...do centro. Não pode...então eles foram puxando de lá...que era uma região plana”.

- Percebe-se que a intenção inicial era nomear esse local para receber investimentos da área da indústria, porém o projeto ainda não ganhou volume. O que se vê nesta área é uma estrutura em forma de galpão, para armazenar grãos, que se encontra desativada.

I) Setor Norte

Entrevistado um:

O entrevistado assegurou que, “Essa nomeação Norte – Sul acho que não usa muito não...Setor Norte da cidade, Setor Sul da Cidade... mas na minha maneira de ser, o Norte é do Getúlio pra lá e o Sul é do Getúlio pra cá...uma delimitação espacial”.

- A motivação deste topônimo se configura pela sua localização espacial e geográfica, em relação aos pontos cardeais da cidade.

J)Setor Jardim Primavera

Entrevistado um:

Segundo este entrevistado, este lote “Também é novo... foi essas pessoas que...que detinham terrenos enormes, né? que ...passaram pra essas empresas de...que faz loteamentos e aí nomearam...não sei”.

Entrevistado três:

- O entrevistado afirmou que, “Tanto o Primavera 1(um) como o 2 (dois), possuem a mesma motivação. A própria imobiliária escolheu esse nome... por acha ele bonito. A motivação foi essa”.
- O loteamento Jardim Primavera faz parte dos recentes bairros dianopolinos. De início já oferece uma infraestrutura básica como rede de energia elétrica, água encanada e asfalto.

K) Setor Santa Luzia

Entrevistado um:

O Setor Santa Luzia, eu conheço aquele bairro desde 2000...2000-2001... que eu me tornei vereadora junto como professora de Sociologia. E aí tive a ideia de fazer esse... como veadora, comecei a ir lá e tinha poucas casas...muito poucas casas...uma fila só, de casas. Aquelas casinhas bem de projeto...que nem banheiro tinha... eu ficava intrigada porque o prefeito havia entregue essas casas sem banheiro... e aí a gente tava pegando no pé... como vereadora. Pegando no pé do prefeito pra melhorar as casas das pessoas ficarem...mas era muito mato. Então eles faziam as necessidades até nos matos... a gente soube, até pelas pesquisas dos meninos, aí

eu fui...tinha o Colégio...como professora, eu dava aula pro... sempre pro Ensino Médio, aí a gente teve a ideia de adotar o bairro. Foi o primeiro bairro que a gente adotou. A vida inteira eu tive esse carinho pelo “Santa Luzia”. E aí, a gente começou a ir lá, e inventamos uma ficha, né? pros meninos fazerem entrevista com os moradores...a gente voltava muito lá com as irmãs também...é fazia esse trabalho de caridade no bairro né? então, tava unindo o útil ao agradável, na época e como vereadora, pedimos...posto de saúde, escola, creche... orelhão, que lá não tinha nada. Tinha uma fila de casas, muito precárias, por sinal. Então, eu comecei a pedir tudo, na Câmara. Todo mês eu pedia uma coisa pro Santa Luzia. Embora eu não fosse atendida, mas eu não parava de pedir...e a gente soube que foi o prefeito da época, foi o Joir que começou a construir essas casas, e que deu nome, porque ele era devoto de Santa Luzia...e o pessoal foi...gostaram porque ficou, né? ficou. Mas...também a gente falava Saltin, porque era caminho pra lá né?

As entrevistas esclareceram que o povoamento do Setor Santa Luzia iniciou-se entre meados de 1970 a 1980. Os primeiros moradores deste bairro foram Dona Joana, Maria Moura, Dona Josefa e seu filho Lídio, quando o Setor ainda era zona rural. Inicialmente o bairro era conhecido como “Saltinho”, por estar próximo, a um salto da cidade. A fundação foi instituída somente em 1998, com a motivação toponímica em homenagem à Santa Luzia, onde o prefeito da época, Jair Valente, era devoto.

L) Parque Dona Josa

Entrevistado um:

De acordo com este entrevistado, “Dona Josa...uma área que seu Agaús adquiriu, num é? E depois a filha dele é que ficou na frente né? a lara, e colocou esse nome, em homenagem à mãe dela”.

- A motivação do nome deste bairro foi oriunda da própria imobiliária, a qual buscou homenagear e eternizar uma pessoa da família.

M)Setor das Dianas

Entrevistado um:

Não é setor não. É só Praça das Dianas. Atrás da Igreja, fizeram um movimento lá, fizeram um monumento. É uma praça, que...botaram umas pedras, quatro pedras, umas plaquinhas...lá é centro mesmo...porque atrás da Igreja...no meu entendimento, lá é uma praça.

Este bairro não se encontra mapeado nas referências documentais municipais. Ele é assim chamado, carinhosamente pelos habitantes do município. Na verdade, se trata de uma localização de uma Praça.

N) Setor Cavalcante

Entrevistado um:

Agente era criança, e dava praquela ladeira que hoje é Benedito

Póvoa...e ali eram roças, de sítios também...então os primeiros moradores foram esse pessoal de seu Benito....Lá em cima, eu lembro que a gente ia lavar roupa nos poções, que é uns brejo que tem, que o Setor Santa Luzia já tá invadindo, que é outra área de preservação...tem nascente de córregos...Esse Poção era de...era um sítio dum tio de mãe, tio Zuza...que tem uma casa bem antiga na praça....de mil novecentos e quarenta e pouco...já tá bem velhinha, aqui, em frente do TELECENTRO. E aí, ele é que era dono desse sítio. Então, nos...a mulherada e o pessoal não tinha água nas casas...então juntava as roupa... ou ia lavar as roupa lá na Barra que ia entra no Getúlio (Nova Cidade, a nascente). Lá era uma maravilha, limpinho, agora hoje... e os Poções, que morava também um pessoal, que era irmão de criação de minha mãe. Então a gente ia pra lá aquele mundaréu de mulheres, subia essa ladeira aí ó... as trouxas na cabeça, ou de jegue, né e passava o dia interim lá nos Poções, lavando roupa. Então a...a visão que eu tenho do Cavalcante, né? E os Sítios dos lados da cerca né? Porque tinha uma ladeira e cercada de arame....dos dois lados tinha sítio: um era de seu Franklin, do lado direito, do lado esquerdo eu não me lembro. E a gente subia parava na casa de Dona Maria de seu Benito, por ali, depois descia á pro rumo onde hoje é a ABB, por ali. Que ali que era os Poções. Então entrava lá e ficava lá o dia interim tomando banho e lavando roupa. O Cavalcante aqui era família do Coronel Abílio Wolney. Como eles eram donos de quase tudo...o nome de meu pai é Celson Aires Cavalcante e eles também, eram...o sobrenome deles era Joaquim...você vê lá no Museu é Manoel Aires Cavalcante. O Coronel Wolney era Joaquim Aires Cavalcante Wolney... esse Wolney apareceu depois, porque eles adotaram, porque acharam bonito, de um escritor francês, que o pai deles liam, quando vieram do Nordeste e ficaram numa fazenda Colônia aqui no Novo Jardim....eles eram donos dessas aqui de Taipas do Rio Palmeiras quase chegando em Ponte Alta e Taguatinga....que eles arremataram em um leilão. Nem todos os filhos ficaram...se pegar os nomes dos filhos do pai do Coronel Wolney, eles, nem todos adotaram...mais foi o pai deles que veio pra casada Colônia, que eles adquiriram, e trouxe e leu um livro de um escritor francês que tinha Wolney e aí adotou. Professor Osvaldo conto bonitinho no livro dele. Porque nós somos primos...meu pai era primo carnal do Coronel Abílio e nunca teve Wolney, era só Aires Cavalcante, né? Então faz sentido...

Este é um dos bairros que memoriza raízes da família dos “Cavalcante”, os quais foram muito influentes na povoação da cidade, possuíam muitas terras e detinham poder político, econômico e social.

O) Setor Diana

Entrevistado dois:

Setor Diana... foi minha vó que doou o terreno pra fazer o Colégio João d' Abreu...O Setor Diana, porque tem o loteamento atrás, atrás da praça dali... aquelas casas da praça, creche, Escolinha Imaculada...aquela parte dali...pra lá, já é... Setor Diana...

Segundo relatos dos moradores, este setor recebeu este nome em homenagem à

mulheres do lugar, as quais se chamavam “Custodiana”, estas receberam o cognome de “Diana”, fato este que rendeu o próprio nome da cidade, conforme já relatado anteriormente.

P) Setor Josino Valente Bonfim

O nome do Setor Josino Valente Bonfim veio substituir o antigo “Areão”, uma vez que o local possui grande quantidade de areia. A narrativa que explica a escolha desse topônimo se configura pelos aportes documentais emitidos pela Câmara de Vereadores de Dianópolis.

Segundo o Projeto de Lei nº 24/07, o sr. Josino Valente Bonfim, nasceu em Dianópolis, TO, em 22 de março de 1931 e morreu em 02 de Novembro de 2002. Veio de uma família tradicional, que era a família dos “Valente”, de origem portuguesa. Seu Josino foi Juiz de Paz e realizava casamentos e demais atribuições. Também foi comissário de menores, sem receber nenhum honorário por estes serviços, afim, somente de prestar à cidade, seu trabalho. Além disso, foi vereador por três (3) mandatos (1977-1980), tendo a função de Presidente, foi líder político. Algo que marcou sua vida foi a situação de ficar órfão aos 13 (treze) anos de idade, e, tomou para si a responsabilidade de cuidar de seus 5 (cinco) irmãos mais novos, tendo em vista, que sua mãe era deficiente visual. No dia 02 de Novembro de 2002, foi Diante dessas e demais evidências de sua relevante contribuição para a sociedade, e, considerando sua exemplar atuação, seu Josino Valente Bonfim recebeu essa homenagem pós-morte.

Q) Setor Green Park

Entrevistado quatro:

O entrevistado quatro considera que a motivação toponímica para este bairro se deu em decorrência da área delimitada ser bem arborizada. Esta se encontra localizada no centro de uma reserva que ainda possui muitas árvores no local, o que pode ter motivado essa nomeação.

R) Loteamento Jardim Canadá

Entrevistado três:

Segundo o entrevistado, “Esse loteamento recebeu esse nome porque...tem um loteamento em Palmas...que se chama Canadá... e se inspirou nele”.

Os loteamentos dos bairros Cidade Jardim e Jardim Europa se encontram em fase de implantação e, por esse motivo os entrevistados se absteram de descrever a motivação toponímica relativa aos mesmos.

Delimitação do *Corpus*: Estudo dos topônimos dos bairros da cidade de Dianópolis – TO

O levantamento realizado na literatura que trata da Toponímia dianopolina constatou que não existem trabalhos que esbocem o perfil toponomástico ou que resgatem a motivação toponímica total ou parcial de nomes dos bairros oficiais de Dianópolis/TO. Eis que surge o objetivo em servir referências que descrevam quais foram as causas denominativas para os bairros dianopolinos no decorrer dos seus 135 anos de emancipação e história.

Este estudo possibilitou compreender as tendências e frequências denominativas de cada bairro e, além disso, saber qual visão teve o nomeador ao atribuir determinado nome a um determinado local; fato este que revela o perfil da tradição local subentendida nos topônimos. Traços da toponímia refletem memorização de elementos da fauna, flora hidrografia, mineração, crenças, fenômenos sociais ou personagens ilustres que fizeram história nesta etnia e que se immortalizaram nos topônimos.

Esta pesquisa se pautou nos aportes do Modelo Toponímico Taxionômico apresentado por Dick (1990) o qual indica questionar: 1) Quais as motivações que deram origem e evolução histórica dos topônimos que atualmente nomeiam os bairros de Dianópolis? 2) Quais fatores linguísticos incentivaram a adoção nominal dos bairros dianopolinos? 3) Quais fatores foram imprescindíveis para a incorporação de termos vistos nos bairros dianopolinos? 4) Qual categoria toponímica se destaca nas denominações dos bairros dianopolinos: as taxes físicas, naturais ou antropoculturais?

Por meio desses questionamentos objetiva-se com esta pesquisa: analisar fatores linguísticos e extralinguísticos que motivaram a nomeação dos bairros dianopolinos; verificar aspectos qualitativos que embasaram os topônimos e suas motivações onomásticas de acordo com as taxes físicas e antropoculturais; traduzir quantitativamente, por meio de gráficos, os topônimos e suas categorias taxionômicas; registrar todo o percurso onomástico dos topônimos para resgate histórico de suas denominações, sob o viés interpretativo de 20 topônimos dispostos nos períodos sincrônicos datados de sua povoação mais ou menos a partir de 1750. Destaca-se que a nível nacional, o IBGE iniciou o processo de reorganização e efetivação dos nomes de cidades, bairros e ruas, a partir de 1938.

Os estudos desses recortes temporais permitem compreender de que forma as Alterações Toponomásticas que se processaram durante os 135 anos históricos de Dianópolis, assim como descrever quais fatores influenciaram as nomeações dos bairros.

Dessa forma, os estudos toponímicos retratam não apenas a motivação dos nomes em si, mas também, versam sobre aspectos que envolvem as pessoas, seus anseios e sentimentos testemunham o que ocorreu durante esses 135 anos da história de Dianópolis.

Análise dos Dados

O levantamento e a descrição toponímica atual dos nomes dos bairros de Dianópolis teve a finalidade de demonstrar as motivações dos topônimos diante da realidade histórica e social. O objetivo geral foi determinar as Memórias dos topônimos dos bairros da cidade de Dianópolis/TO.

Dianópolis possui quinze bairros, sendo que uma praça denominada Praça das Dianas, às vezes é considerada como “Bairro das Dianas”, apenas por considerações particulares, pois o mesmo não se encontra registrado como um bairro.

Seguem os dados obtidos referentes às taxionomias de natureza física e antropocultural e a tabulação das mesmas em forma de tabelas e gráficos:

Taxionomias de natureza física

Topônimos/ ano	Classificação	Descrição
Norte	Cardinotopônimo	Topônimos referentes às posições geográficas em geral.
Jardim Imperial Primavera Green Park	Fitotopônimo	Topônimos referentes aos nomes de vegetais.

Tabela 1 – Taxionomias de natureza física.

Taxionomias de natureza antropocultural

Topônimos/ano	Classificação	Descrição
Central Setor Industrial Setor dos Clubes	Sociotopônimos	Topônimos referentes às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontros dos moradores de uma comunidade:

Parque Dona Josa Setor Cavalcante Setor Diana Setor Josino Abreu Valente	Antrotopônimo	Topônimos referentes aos nomes próprios e individuais.
Bela Vista	Hodotopônimo	Topônimos referentes às vias de comunicação rural ou urbana.
Nova Cidade Novo Horizonte Campo Velho	Cronotopônimo	Topônimos referentes às indicações cronológicas: novo/nova, velho/velha.
Santa Luzia	Hierotopônimo/ Hagiotopônimo	Topônimos referentes aos nomes sagrados de diferentes crenças: às associações religiosas.
Setor Brasil	Corotopônimo	Topônimos referentes aos nomes de cidades, países, regiões ou continentes.

Tabela 2 – Taxionomias de natureza antropocultural.

Gráfico das taxionomias e naturezas dos bairros de Dianópolis - TO

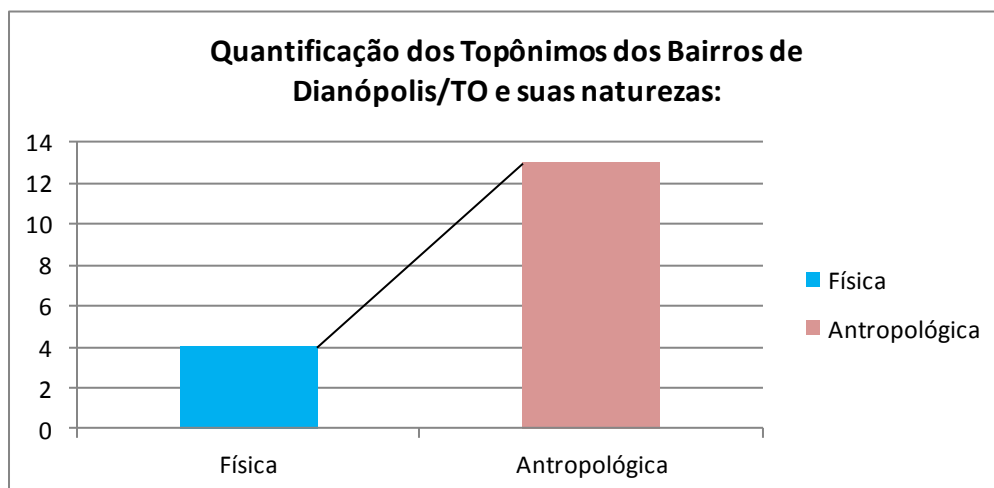


Gráfico 1 - Taxionômios Físicos e Antropoculturais dos Bairros de Dianópolis/TO.

Taxionomias dos bairros de Dianópolis - TO

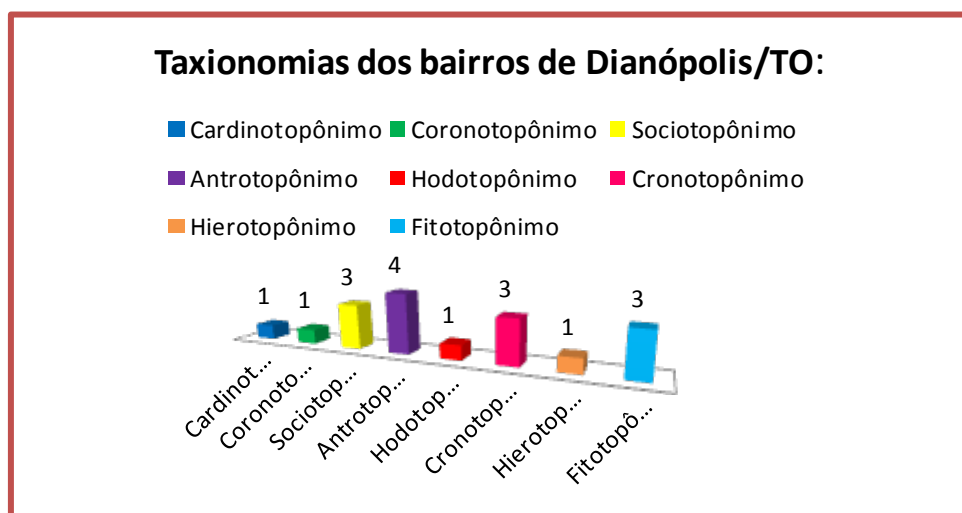


Gráfico 2 - Taxionomias dos bairros de Dianópolis/TO.

Taxionomias dos bairros da cidade de Dianópolis/TO

Taxionomias	Ocorrências	Bairros	(%)
Cardinotopônimo	1	Setor Norte	6,66
Fitotopônimo	3	Jardim Imperial Setor Primavera Green Park	20
Sociotopônimo	3	Setor Central Setor Industrial Setor dos Clubes	20
Antrotopônimo	2	Parque Dona Josa Setor Cavalcante	13,33
Hodotopônimo	1	Setor Bela Vista	6,66
Cronotopônimo	3	Setor Nova Cidade Setor Novo Horizonte Setor Campo Velho	20
Hierotopônimo	1	Setor Santa Luzia	6,66
Corotopônimo	1	Setor Brasil	6,66

Tabela 3 – Taxionomias (com especificação em porcentagem) dos bairros da cidade de Dianópolis/TO.

Através da análise detalhada dos 20 bairros, chegou-se à conclusão de que 20% deles possuem natureza física, 65% apresentam natureza antropocultural e 15% dos bairros ainda se encontram em fase documental. Destes, percebe-se a perspectiva de ser, cada um deles classificado no grupo dos Fitotopônimos (com natureza Física) e os outros dois classificados como Corotopônimos (com natureza Antropocultural). Evidenciou-se que Dianópolis conta com uma natureza taxionômica mista. Isso evidencia que o nomeador memorizou suas vivências culturais, em sua maioria, com a composição de elementos que se referem aos aspectos sociais, indicações cronológicas e valorização de aspectos da natureza.

Diante do exposto, a sociedade dianopolina pouco tem denominado seus bairros com configurações memorizadoras que configurem em posição geográfica, comunicação rural urbana e referências a países/regiões. Chama a atenção, ainda, o fato de que a cidade de Dianópolis possui um perfil religioso bastante influente, porém isso não é percebido de forma acentuada, pois apenas um bairro traz essa referência.

Nota-se forte presença de Taxionomias estabelecidas nos fitotopônimos, nos sociotopônimos e nos cronotopônimos, na cidade de Dianópolis. Dick (2006) afirma que quando o europeu dominou a terra, utilizou antes a língua e depois a força. A língua e a linguagem se configuram importantes para a perpetuação dos aspectos históricos vividos pelos habitantes de um lugar.

Considerações Finais

O tempo presente confirma uma revalorização do passado com o objetivo de resgatar a memória dos lugares, especialmente em relação às cidades. Por hora, o resgate dessas memórias nem sempre são fáceis e os resultados alcançados podem não corresponder às expectativas, pois muitos alicerces culturais e históricos se perdem no tempo. Porém, o resgate cultural traz possibilidades de recuperar o que ainda é possível.

O presente trabalho intitulado Memórias presentes nos topônimos dos bairros da cidade de Dianópolis/TO, partiu do anseio em perceber quais memórias estão presentes

na vida de seus habitantes. Os estudos percorridos para efetivação desta pesquisa foram norteados pelas configurações da onomástica e da toponímia, os quais possibilitaram perceber os aspectos culturais, sociais, linguísticos, políticos e históricos. As marcas deixadas pelos moradores de Dianópolis comprovam marcas de grupos indígenas e demais povos migrantes e ilustres, bem como aspectos físicos, geográficos e referências religiosas.

Restou evidenciado que, Dianópolis, embora seja considerada uma cidade histórica, devido aos acontecimentos sangrentos do Tronco, em seus bairros não foram detectadas presenças históricas relacionadas com esse evento. O espaço onde ocorreu a “quinta-feira sangrenta” está localizado no Setor Central, o que não explicita tais acontecimentos.

Sobre a análise documental, poucos dados foram obtidos. Para acessar os dados, foram solicitados via ofício, cópias de Documentos Municipais, tais como Decretos, Leis Municipais, Resoluções, Editais, Certidões de Registros, Resumos, Dedicatórias e outros aportes que viessem contribuir para esta pesquisa. No entanto, nem a Prefeitura Municipal e nem a Câmara de Vereadores possuem arquivos ou documentários que tratem da aprovação de Projeto de Lei de todos os bairros. O único bairro que contém registro documental é o novo Bairro Josino Abreu Valente e este, veio substituir o nome inicial “Areal”.

Essa situação faz refletir resquícios do tempo em que o coronelismo atuava de forma impetuosa, a ponto de ter na palavra de um coronel ou de um representante político renomado, a veracidade da palavra, a qual tinha valor equiparado ao de um documento, uma lei ou um decreto, por exemplo. Em razão disso, as criações dos bairros e suas nomeações ocorriam de maneira informal, e com o passar do tempo, não houve uma preocupação em documentá-los.

Foram percebidos aspectos de poder, de sociopolítica e de natureza religiosa, os quais ganharam forma e história através das vontades e desejos de seus habitantes. Nota-se a real presença da crença e da fé de seus moradores que escolheram nomes para seus bairros, pelos aportes históricos de Dianópolis/TO.

Além disso, foi possível perceber traços das tradições locais subentendidas nos topônimos, dos quais se pode citar, mineração, povoação, personalidades ilustres e povoaamentos perpetuados e imortalizados nos topônimos.

Em suma, há muito que se conhecer sobre a cidade de Dianópolis. Nela há muita riqueza histórica que pode ser explorada e resgatada para o futuro. Pode-se investigar, por exemplo, as classificações toponímicas relativas às praças das cidades, os nomes das ruas dos bairros e até mesmo a perpetuação dos nomes das famílias – tronco, próprios dos nativos de Dianópolis. As indagações são necessárias: se não há um resgate histórico, as memórias tendem a se perder no tempo e no espaço.

Pretendeu-se, portanto, contribuir com o resgate histórico dos nomes dos bairros de Dianópolis, servindo de base para futuras pesquisas acerca deste município. Ocorre que, apenas nestes poucos escritos não seria possível registrar tudo o que é necessário. São prefácios que ousaram descrever perfis de uma grandeza histórica que há na cidade de Dianópolis. São prelúdios de memórias resgatadas em busca de uma perpetuação histórica.

Referências

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **O lugar nos estudos toponímicos: reflexões**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 585-607, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9547>. Acesso em 10 de Agosto de 2018.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. 2ed. Editora Martins Pontes. São Paulo, 2001.

Bosi, E. (1994). **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

CASTRO, Eugênio. **Ensaios da geografia linguística**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1941.

DECRETO-LEI Nº 311, DE 2 DE MARÇO DE 1938. **Obtido em:** http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del0311.htm. Acesso em: 19 de set. 2018.

DECRETO-LEI Nº 5.901, DE 21 DE OUTUBRO DE 1943. **Obtido em:** http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del5901.htm. Acesso em: 18 de set. 2018.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A estrutura do signo toponímico**. Separata de: Língua e literatura. São Paulo, n. 9, p. 297-293, 1980.

_____. Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil Coletânea de Estudos**. 3ª ed. São Paulo: USP, 1992.

ÉLIS, Bernardo. **O Tronco**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **IBGE**. Mapas municipais. **Obtido em:** http://www.ibge.gov.br/mapas_ibge/fis.php. Acesso em 02 de Agosto de 2018.

_____. **Histórico de Dianópolis - TO**. **Obtido em:** <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/tocantins/dianopolis.pdf>. Acesso em 04 de Agosto de 2018.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O Fato Lingüístico como Recorte da Realidade Sócio-Cultural**. (Tese de Doutorado). Araraquara: UNESP, 1996.

LOCALIZAÇÃO DE **DIANÓPOLIS**. **Obtido em:** https://pt.wikipedia.org/wiki/Dian%C3%B3polis#/media/File:Tocantins_Municip_Dianopolis.svg. Acesso em: 10 de Agosto de 2018.

NASCENTES, Antenor La Toponymie au Brésil. In: **Coletânea de estudos de Antenor Nascentes**. Estudos Filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003, p. 570-80.

Projeto de Lei nº 24/07- Estado do Tocantins. **Poder Legislativo** – Câmara Municipal de Dianópolis.

SARLO, Beatriz. Tempo Passado. **Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. Corrigida e aumentada. São Paulo: Ed. Nacional, 1987.

Recebido em 30 de abril de 2019.

Aceito em 4 de setembro de 2019.